

# REVISTA ILUSTRADA

**CORTE**

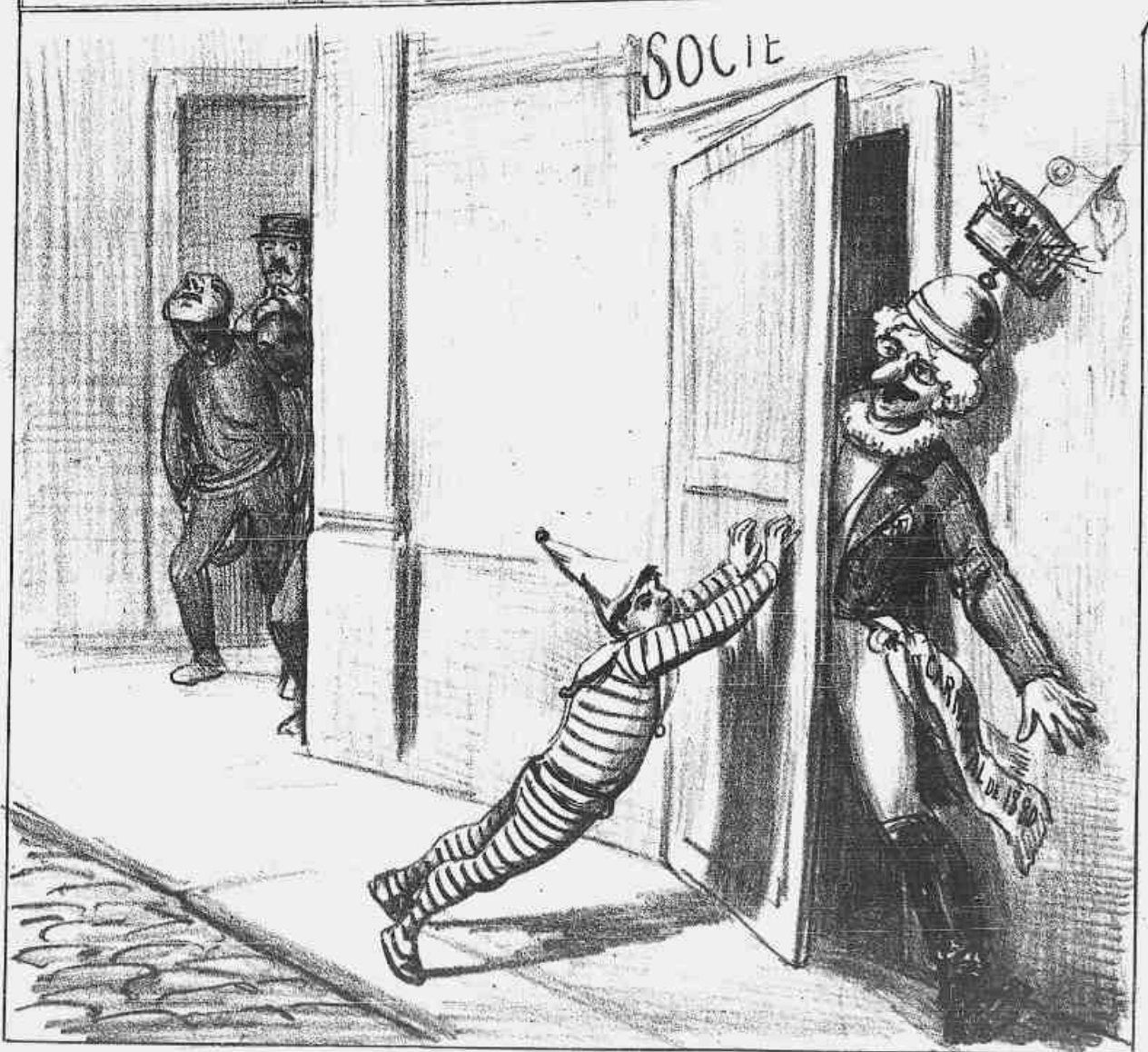
Anno 16 \$ 000  
 Semestre 9 \$ 000  
 Trimestre 5 \$ 000

**PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI**

A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas  
 a hua da Assemblea 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada

**PROVINCIAS**

Anno 20 \$ 000  
 Semestre 11 \$ 000  
 Avulso 5 \$ 000



- Não saia á rua! - Mas porque? - Porque corres o risco de ser assassinado -  
 - Mas então não ha policia?! - E' justamente porque ha policia e muito demais etc.

## Revista Illustrada

## HYRP PA PPRTA

Ao Sr. A. V. Lavo. — É muito facil, comprar o livro, lê-lo, re lê-lo, se lhe for possível e ficara sabendo o que elle vale... Junio dormio antes de voltar a primeira pagina.

Ao Sr. X. T. — E o que tem o Sr. com o namoro dos outros?... Deixe cada um arranjar a sua vida — d'elle — e trate da sua — o Sr. — olhe, sempre e uma prova de intelligencia escolher noiva nos banhos de mar: quem se banha e acido, e sobretudo não se corre ali o risco de illudir-se com os puffs de algodão.

A' directoria dos Tenentes do Diabo — Summamente agradecidos pelo amavel convite, lá estamos para admirar o brilho dos festejos com que pretendem solemnizar o proximo carnaval.

Recebemos e agradecemos.

*Correio da Europa*, revista quinzenal que se publica em Lisboa, em duas edições: uma para o Brazil, outra para os Açores. O *Correio da Europa* é sobretudo noticioso e publica estampas, sem todavia ser uma illustração. O primeiro numero, que temos á vista, traz, alem de outros, os retratos de D. Luiz I e o do finado herão de Santo Angelo — Manoel de Araújo Porto-Alegre. Promette ser uma publicação bem interessante, e assim o desejamos sinceramente para seu prospero futuro.

*Apeliter*, quadrilha para piano, pelo conhecido pianista Geraldo Ribeiro, editada por Isidoro Babilocqua.

É uma bella composição.

Rio, 31 de janeiro de 1880.

Tivemos recepção official esta semana. S. M. recebeu em audiencia publica o enviado de Leão XIII, e o enviado de Leão XIII disse que vinha pôr nas mãos de S. M. uma boa porção de cousas que o santo padre mandava; S. M. agradeceu tanta bondade; o enviado protestou que não havia de que, e segundo as formalidades do estylo ambos juraram-se amor e fidelidade *per omnia secula seculorum*.  
*Anex!*

Entre as cousas que Leão XIII mandou o seu enviado pôr nas mãos de S. M., vem a segurança de sua ostima, os votos pelo bem estar do paiz e o desejo muito ardente de manter com o Imperio as boas relações de harmonia, tão beneficicas a uma e outra potencia.

S. M. respondeu que tambem era do paz, e citou um latin que o *Diario Official* não publicou porque nem mesmo o intérprete pôde entendê-lo.

Estamos, portanto, nas melhores relações com a Santa Sé, e não ha o menor receio de que se venha a quebrar o rosario que nos liga a Roma.

*Oreaca*, pois tranquillos.

\* \* \*

Já que fallei em cousas do exterior, vai uma observação:

O leitor brasileiro que se instrua nas correspondencias europêas, deve nutrir o odio mais entranhado pelos nihilistas da Russia; e tem muita razão o leitor brasileiro...

No dizer dos „jornaes amigos da ordem“, os nihilistas são uns assassinos, uns sicarios, uns tigres sedentos de sangue; emquanto que o czar — bondoso ancião — parece sempre prompto a voltar evangelicamente a face esquerda, quando esbofetada na direita. E não ha qualificativo perverso que os jornaes não atirem nos nihilistas, os bandidos, o diabo, os algozes enfim. Sómente...

Sómente, quando os correspondentes esgotam os seus qualificativos e descem aos factos vem sempre isto: „Foram enforcados mais tantos nihilistas, degolados tantos, deportados tantos“, e o czar continúa a affazer a mão á pontaria nas caçulas do urso branco...

De modo que os nihilistas, que pagam na força a coragem com que se atiraram n'esta lucta desesperada do opprimido contra o oppressor, são os bandidos, os des-humanos, os algozes...

Decididamente, na Russia é melhor ser victima do que algóz, a vida é mais agradável pelo menos, porque antes caçar do que ser caçado.

\* \* \*

Está definitivamente assentada a prohibição da mascara allusiva, do limão do choiro e da bisnaga.

Pois em lamento sinceramente a prohibição sobretudo da bisnaga e do limão de choiro, porque com o calor que nos

ameaça, não seria desagradavel o borrifo de agua perfumada.

Bem sei que é sestro da policia prohibir todos os annos o entrado e as allusões, sómente para dar-lhes o sabor do fructo prohibido; mas quem conheço os máos hofes do Sr. Pindamonhangaba, deve esperar novas acenas da rua da Uruguyana.

Consta mesmo que já a tropa está do promptidão e o Eneas souha nova *Encida*; e como não deve ser agradável em troca do esguicho perfumado da bisnaga, receber o esguicho da carabina Spencer, previno ao leitor e sobretudo á leitora para que tomem a devida cautela.

Luctar com armas desiguales é dar mais uma victoria ao pio Eneas. E elle — o heróo de Uruguyana (placa) — tem bastante coragem — muita mesmo... toda aquella que elle economizou na celebre retirada da Laguna — para tomar de assalto as trincheiras do bisnagas, ainda através do mais reuhido fogo... de limões de choiro.

\* \* \*

Quanto ás allusões...

Parece-me inutil a precaução do Sr. chefe.

É facil ao Sr. Pindamonhangaba evitar que appareça o ministerio do vintem sob qualquer fórma que bem o caracterise; e publico ficará privado do olho do Sr. Lafayette a estrabisar-se na distancia de dez metros, do Sr. Simbá engavetado na secretaria do Sr. Souza Carvalho...

Mas o que é impossivel é arrancar o ridiculo que apegou-se a toda situação que ha dois annos nos dá o espectáculo de um carnaval constante, em que todos já figuram com suas proprias mascaras...

Todos, excepto S. S. que só tendo a luctar na fantasia, pinta cabelo e barba.

\* \* \*

Dê-m-me força e curta branca, já pede o pio Eneas, e não tenha medo...

— Medo?... De certo, o coronel teve tanto na retirada da Laguna, que bem pouco lho deve ter ficado!

A. GIL.

## O cumulo da superstição

„Um inglez fez-se condemnar á morte, para possuir, depois, a verdadeira corda do enforcado.“

W.

Resenha theatral

Uma novidade theatral: *Antonica da Silva*.

Uma novidade, ou antes uma indecencia theatral do Sr. Dr. Joaquim Manuel de Macedo, membro do Instituto historico e geographico, deputado á assemblea geral, professor do imperial collegio de Pedro II, maior de sessenta annos, etc., etc...

E uma indecencia autorizada pelo Conservatorio dramatico e tolerada pela policia do pudico Sr. Pindabyba das cortinas nas casas terras!

Uma indecencia, sim!... E infelizmente não posso dizer ao leitor e sobretudo á leitora:

— Se duvida, vá vêr...

+

Porque o Sr. Dr. Macedo parece ter escripto a sua peça para ser apreciada na rua de S. Jorge.

Antonica da Silva é um rapaz que se desfarça em mulher, occulta-se em casa de uns burguezes que tem duas filhas, e passa por moça excepto para o dano da casa que, não querendo conservar a mecha junto ao paiol da pólvora, sabe a procurar um meio de se vêr livro da mecha.

Começa a comedia por uma scena de almas do outro mundo, em que pelos beijos, abraços e monologos a velha reconhece que o seu hospede é elle e não ella, e avisa as duas filhas.

Parece que honestamente devia acabar aqui a peça, mas não...

+

Segue-se o segundo acto. Uma das moças disfarça-se em homem para salvar o seu hospede de quem já está namorada, e vai em lugar d'elle sentar praça e fazer exercicios no quartel do Moura, d'onde foge depois vestida de frade...

E' um carnaval a comedia do Sr. Dr. Macedo da *Moreciaba*, o um carnaval de Zé-Preira, onde o dito chulo e grosseiro se procura disfarçar em espirito. Exemplo este estribilho que volta a cada passo:

— *Ea vou-lhe atraz!*...

Ou então:

— *Agora vou-lhe adiante!*

E outros que por mais crús, deixo de transportar-os para aqui.

+

Creio inutil continuar a dizer em que consiste a comedia.

Pelos dois primeiros actos, está bem claro o plano do autor que visou apenas a immoralidade crua e descabellada como o caminho do successo.

E' que o Sr. Dr. Macedo da *Moreciaba* sente-se esquecido do publico e quer excitar a curiosidade das plateias, plagiando mal as *Memorias de Paulas*...

Depois do velho, gaiteiro!

+

Quanto ao desempenho, já se vê foi esplendido; a companhia parecia estar no seu elemento.

O publico rio a bom gorgulhar com os gestos e caretas com que o Vasques collabora sempre com os autores que julga precisarem da sua protecção.

Este successo deve animar o deputado fluminense...

Consta mesmo que S. Ex. já tem em mãos os *Servos de um convento*... — E se o Conservatorio der licença, vai a *Martinhada*.

+

E porque não ha de dar?

A cortina é só para a rua da Guarda-Velha; a velha guarda litteraria tem todas as licenças.

A. DE LIXO.

Philippina

— A cousa vai mal... O obituario cresce cada vez mais...

O nosso amigo em questão:

— Nem admira... O governo permite na rua dos Latoeiros uma casa em cuja ta- boleta está escripto: *Fabrique de moles!*

E ninguem adoece!

ROLANDO.

Echos da semana

E' preciso que seja muito mal apreciado na Europa o nosso bom gosto, para nos virem de lá semelhantes cousas!

Pois é assim. Entre as mulheres que o cosinheiro da barca *Africa* trazia para viverem aqui *atrás da cortina*, vinha uma respeitavel matrona de 57 annos de idade, *cincoenta e sete annos*...

Não!... Nós temos muito bons estomagos; mas decididamente *ne mangecois pas de cette cuisine là, mestre Cook!*

×

Entretanto ella vinha pars... fins suas. Innocentemente já se vê... Tão innocentemente que ella propria coron a saber das doçuras que a aguardavam.

Santa pudicia!

O cosinheiro é que é um refinado trante... Imaginem, quando lhe perguntaram se realmente contava com a pobre velha.

— Pensei que no Brazil já se apreciassse o *rocfort faisandé!*

Este já é enorme!

×

Tem produzido grande alvoroço a mensagem do presidente Hayes no Lago Salgado, onde cada mormom casa-se com as mulheres ás duzias. O presidente não só prohibe como pretende punir a polygamia.

Punir a polygamia! Parece-me que o coitado que caiu na desgraça de conjugar-se a mais de uma, já está bastante punido por si mesmo.

E' o crime pelo crime.

×

E o governo não sabe o que fazer dos russos recolhidos a estação de urbanos.

Sentar-lhes praça, re-emigrar-os, abandonar-os de novo á febre amarella... Tado se tem aventado; mas o Sr. Lafayette achu bom que se tire a raça, allegando que:

— Russo com brasileiro deve dar russo- pedrez, que é uma bella côr.

×

No botequim:

— Tomamos mais um copo, ein?

— Não! podemos ficar *promptos*.

— Achas?

— De certo.

— Então tomamos de is, o risco é o mesmo.

×

N'um estabelecimento de banhos de mar:

— Arranje-me um costume.

— O Sr. é vaccinado?

— Sou: porque?

— Então está aqui um que só tem servido a um buxiuento.

A. DE LIXO.

JORNAL DO COMMERCIO



O Jornal deitou artigos de fúria e indignação acerca de uma violência contra dois cidadãos.

O artigo interessa especialmente, ao Sr. ministro da Guerra, que muito admirado dos fins da nova attitude do jornal amigo.

Não menos admirados ficaram nós de ver a coligação cumprir o seu dever de jornalista, tathua combriamente.



As mãos que vêm para bem. Aquella rainha...

JORNAL DO COMMERCIO



Por isso que até a fechamento das portas não lhe foi indiferente, e num succulento artigo, procurou agradar tanto aos patriotas, como aos La-izitas.

Tambem merecia-lhe especial menção o miseravel estado de uns desgraçados colonos.

Comprimen-  
tamos novame-  
nte o colega



O Capira esta furioso com o escandalo das carroças de Cafe.



"O escandalo e de tal marca, que nenhum"  
"Fluminense de boa gemma pode deixar de"  
"ficar corado de vergonha."



A Municipalidade da Ode, a despeito de tudo quanto se ouvia decarava ha dias, a imprensa va-  
rios amigos sinceros, acaba de



Conceder privilegio exclusivo a Fernandes & Irmao, para a construcção de carroças de transportar cafe.



Assim, fizeram mais obra no seu animo os interesses barbaudos de meca deuz de carroceiros de capao, do que a conveniencia dos municipes e a liberdade de industria.



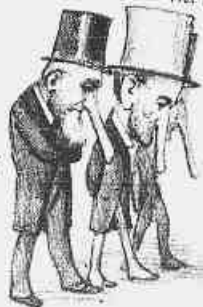
"Ja é mesmo um Capiva!... Vê aquillo lá deperdurado? Pois e a vestimenta que acaba mais apropriada para representar a noia municipalidade."



Alguns meses depois, as eleições prosaram quando nós nos linhamos enganados!



Ficamos com um nariz!



O que nos consola, foram alguns honestos e imparbiaes cidadãos, que tambem ficaram com cada tromba...



A não pois de tudo isso, entendemos que cada quanto faz a Illustração para bem do povo, e como tal, entender-lhe as devidas homenagens.



O que não impede que todos os dias demos graças a Div. Providencia, da Illustração não se ter lembrado de nós.



d'ir quotidianamente ao lombo do povo em geral



e dos jornalistas em particular, por meio de alguma pastura.



## Piruetas

Como Jeronymo Paturot á cata de uma posição social, sahi ante-hontem á procura de fresco.

Elle, porém — o fresco — ia tão depressa que não conseguiu apunhalo, nem mesmo no Passeio chamado publico, naturalmente por ser mais do Sr. Glazion do que de Zé-povinho.

Efectivamente!... Sob pretexto de que o Sr. Glazion dorme até ás 8 horas da manhã, ás 7 ainda está fechado o passeio; e isso a contar pelo relógio do porteiro que parece andar tão atrazado nas horas, como o *Cruzeiro* nas suas noticias!

Felizmente o Sr. Glazion ainda acorda mais cedo que a junta de hygiene.

ϕ

Enfim, bem entretido o Jardim. — Também pudera!... Cada qual trata do que é seu — E é um bello parque aquelle. Umás arvores muito grandes, muito serias como artigos do Quintino, a luz da lua muito branca coando-se por entre as palmas das bigonias, espalhando umas sombras cheias de mysterios... Ah! não!... se se riu da minha poesia, eu mudo de rumo e vou para o botiquim tomar uma cajuada gelada...

— Cajuada?... Não tem não, senhor; mas tem cerveja, tem groseille, tem groseille, tem cerveja, tem... cerveja, tem... de tudo.

ϕ

Esta resposta não foi assim tão prompta como eu a dou ao leitor; custou-me um quarto de hora para saber que *ha de tudo* no botiquim do Passeio: cerveja, groseille, groseille, cerveja, e mais do que eu esperou um typo que afinal ergueu-se furioso:

— E' atroz!... Decididamente não ha meios de a gente embebedar-se aqui!

Eu felizmente alcancei meia garrafa de cerveja nacional com rotulo de ingleza (900 rs!) e verifiquei com grande satisfação que os botegneiros da rua do Onvidor estão ainda muito atrazados na arte de esfoliar vivos os freguezes, com um simples copo de pessimo Stout.

ϕ

A banda allemã executava com grande alarido uma pobre musica — *Mandolinata* — que para aquelles Chouroutas tem o grande defeito de ser italiana; de modo que era rufo e zabumba que te racho!

— Maa que barulho infernal!

— Ah!... E' sempre assim. Os prus-

sianos entenderam levar toda a Europa ao som de tambor e não conheceram senão o movimento de marcha contra o inimigo.

ϕ

O terraço regorgitava de gente entusiasmada na contemplação da bahia, a primeira do mundo, confessam todos com grande prazer dos cariocas que têm a mania de possuírem muitas cousas primeiras do mundo.

— Decididamente não ha segunda.

— Ah! Quanto á natureza...

— Natureza só?... Está muito enganado. Temos uma alfândega que não ha no mundo, um hospício que é o melhor do mundo, a santa casa que é o hospital...

— Onde se morre melhor no mundo!

ϕ

Pelas alamedas sombrias, apenas marchetadas de tímidos clardes, passavam as moças romanticas e os cavalheiros á caça de aventuras:

— O Sr. enganase! Eu não sou o que o Sr. pensa...

— Desculpe, minha senhora; mas está tão escuro!... de noite todos os gatos são pardos, diz o rifão.

— Pardo será o senhor!... eu sou bem branca.

ϕ

N'um armariinho da rua dos Ourives: „Fornece-se caracteres e vestimentas.“  
Aproveite, Sr. Lufayette; é bem no começo da rua.

K. BUIRO.

## E' exquisito!...

Pelo vapor *Horroz*, entrado quinta-feira, veio-nos a noticia de que as forças do general Carrasco, — horror! — em Itaparacá, Pará, estão em taes apuros de falta d'agua, que já bebem a urina dos cavallos — bis-horror!

E' exquisito!... tanta noticia horrorosa trazida pelo vapor *Horroz*!

K. BUIRO.

## Gazetilha

A redacção da *Revista Illustrada* continúa com o maior cuidado a evitar a febre amarella e estrada de ferro de Pedro 2<sup>o</sup>, pelo que vai gosando boa saúde.

A camara municipal da Bahia, já não tendo mais mangas a mandar ao ministerio, mandou-lhe uma felicitação pelo heroismo e bala que este despendeu no combate de Uruguayana.

Como já temos dois herões de Uruguayana e Alguem não se quer vêr confundido com o pio Eueás, vai ser adoptado o distinctivo de herão de Uruguayana (antigo) e herão de Uruguayana (placa).

O Sr. Lopes Cardoso mandou dizer-nos que tem muita honra em ser photographo, e que o *Cruzeiro de Noticias* trará diariamente uma photographia de fundo. Bom proveito aos assignantes.

O Sr. Affonso Celso já expdiu ordem a todas as camaras municipaes para que quanto antes imitem o bello exemplo da camara da Bahia, congratulando-se com elle pela cobrança do vintem.

Chegaram hontem da Bahia oitenta e cinco doutorados em medicina. Com a febre amarella que já tinhamos cá são oitenta e seis epidemias.

E a Junta de hygiene falla em medidas sanitarias!

Vai brevemente apparecer mais um jornal dos collegas Manoel Carneiro e João de Almeida, cada qual com maior pratica...

Mas d'esta vez, *c'est pour de bon*, como dizem os francezes.

O cura de uma das parochias de Baenos-Ayres sumio-se em companhia de uma sua discipula de confissão, viuva que soffria muito com a morte do marido.

Agora está perfeitamente *curada*.

Um dos nossos poetas mais notaveis está escrevendo um poema heroe-comico intitulado a *Euclida*, d'onde colhi estes dois versos:

„E por mares nunca d'antes navegados  
Venceu a sedição de Uruguayana“

Na falta de mais e á espera de melhor, aqui se assigna

R.

## Bibliographia

Temos antes de tudo os *Retirantes*, por José do Patrocínio.

A acção d'este romance passa-se no Ceará, na epocha bem calamitosa da ultima secca; e o autor, tristemente impressionado com as descripções que nos traziam os jornaes do norte, foi especialmente áquella provincia para escrevel-o. Esta circumstancia e a musa recta e justiceira do jornalista-litterato provinem desde logo o leitor de que não se trata de uma obra fantastica, mas de uma historia real, cujos personagens existiram, se não com os mesmos nomes, mas com os mesmos instinctos e caracteres, que apparecem verdadeiros no meio das scenas tristes e commoventes de que o Ceará foi o theatro. O fim do romancista foi sobretudo descrever-nos estas scenas, interessando ao mesmo tempo o espirito do leitor com a narração dos amores de um padre amoroso e debochado, circumstancia muito natural para afugentar certa classe de leitores.

A nova escola, a escola da justiça e da verdade, terá ainda de lutar por muito tempo contra os velhos preconceitos, contra as convicções das antigas escolas litterarias em que educou-se ou estragou-se o gosto do publico, habituado ás fantasias fúteis, em detrimento embora da realidade. O publico lê com grande avidéz e sem a menor perturbação digestiva a historia dos crimes que têm origem no confessionario ou na sacristia, com uma condição de ser essa historia narrada ou commentada nas gazetinhas diarias ou perante os tribunaes civis; mas desde que o romancista apodera-se d'ella para expulsa em toda sua hediondez, o publico rejeita-a, desespera, clama contra o autor do livro o, não tendo o poder de condemnalo ás fogueiras da Inquisição, satisfaz o seu odio atirando o livro á fogueira de sua cozinha. . . . E' o que deve ter acontecido a mais de um exemplar dos *Retirantes*, em que José do Patrocínio respeitou a verdade ainda quando mais erna, discrevendo com grande talento todas as miserias que foi especialmente testemunhar.

Ainda os *Retirantes* estavam no meio da sua publicação, nos folhetins da *Gazeta de Noticias*, e eu ouvi uma apreciação que synthetisa em bem poucas palavras o que que quer o publico no romance. Uma senhora que „fazia o sacrificio“ de ler os *Retirantes* exclamou indignada:

— Tenho lido o hei de ler até o fim, não para ver até onde chogam os desaforos d'aquelle padre; mas para ver até onde vai a pouca vergonha do Sr. Patrocínio!

Perfeitamente confessado. A leitora dos *Retirantes* não se zangava com os desaforos do padre, elles eram verdadeiros, eram reaes, ella conhecia talvez a muitos para os quaes o solidô fora perfeitamente tallado; o que a exasperava, o que lhe dava enxaqueca era haver um romancista bastante sincero para contar-lhe essas cousas n'um livro, em vez de encher-o de lirios odoriferos, de seios entumecidos, de amores paros, de concubinatos lyricos, de perfumes ideaes, que fossem justificar muitas leitoras e provocar os seus hystericos.

Os *Retirantes* porém não são isso, são uma historia real, escripta com talento e muita observação.

A falta de espaço que me faz restringir a noticia sobre os *Retirantes* deixa-me apenas ensejo de noticiar o apparecimento de outros livros.

Sob o titulo bem escolhido de *Locuções Populares* acaba de ser editado pelo *Cruzeiro* um pequeno volume, em que Theobaldo explica a origem de alguns proverbios historicos e ditos populares.

Se para os desconfiados, nem sempre houver a verdade da explicação, ha em todo o livro, escripto n'um stylo ameno e ligeiro, muito ingenho e espirito.

A casa Garnier editou mais um livro: *Os Quinhentos Milhões e os Revoltosos do Bounty*, romance por Julio Verne, traduzido por A. J. dos Reis.

O nome do autor basta para explicar o genero da obra e recommendal-a aos seus admiradores.

A. GIL.

## Ricochetes

Até o *Jornal do Commercio*!

O grande órgão desamburrou-se hontem de silencio em que está sempre envolvido, para dizer-nos que muito deseja acreditar na probidade de caracter dos homens que compõem a nossa edilidade.

Pois eu tambem, meu Lulú; e não é do hoje.

Desde que o mundo pasma admirado perante estes ricochetes — escriptos na firme intenção de penetrar um dia no Instituto— tudo tenho feito e tentado para crer na sinceridade dos nossos vereadores.

Impossivel!

△

E agora então, depois do negocio das carroças de carregar café, venham fallar-me da honradez do Sr. Bezerra e outros edis, que eu respondo francamente:

— Zat! . . . meu amiguinho; como a Sra. X. . . a quem pediram os tres vintens do imposto por ella e pelas duas filhas.

Para dizer a verdade, eu sempre desconfiei do patriotismo com que certos individuos se agarram a um lugar sem vencimento conhecido, e cada vez mais admiro o systema de economia por meio do qual o Sr. Bezerra tem vivido vinte annos, com as rendas de um emprego gratuito!

△

Nós temos uma grande indifferença para todas as cousas que mais nos devem interessar. Exemplo:

Passou completamente desapercibido o autographo que o conde d'Eu offerrou ao *Paris-Murcie*. Muitos vêm n'aquillo apenas uma cousa muito chata, muito chifrim; pois não é só isso, ha n'aquella embroglio nada menos que uma terrivel ameaça. S. A. começou assim, reparem bem: „*Nous, moi et ma femme*. . .“ e concluiu assignando em primeiro lugar, quando era mais delicado dizer *ma femme et moi* e deixar a princeza assignar em primeiro lugar.

Foi para mostrar logo que se um dia a princeza se sentar no throno, não ha de ser como na casa de Gopçulo. . .

△

Eu tenho um companheiro, K. Brito, que tem a mania humanitaria de pretender alliviar todos os males que alligem a humanidade. Receita para tudo.

Agora anda com nas enthusiasmos pela salsa-caroba, que para tudo a recommenda.

Hontem encontra um amigo de luto fechado e ar tristonho:

— Que é isso?!

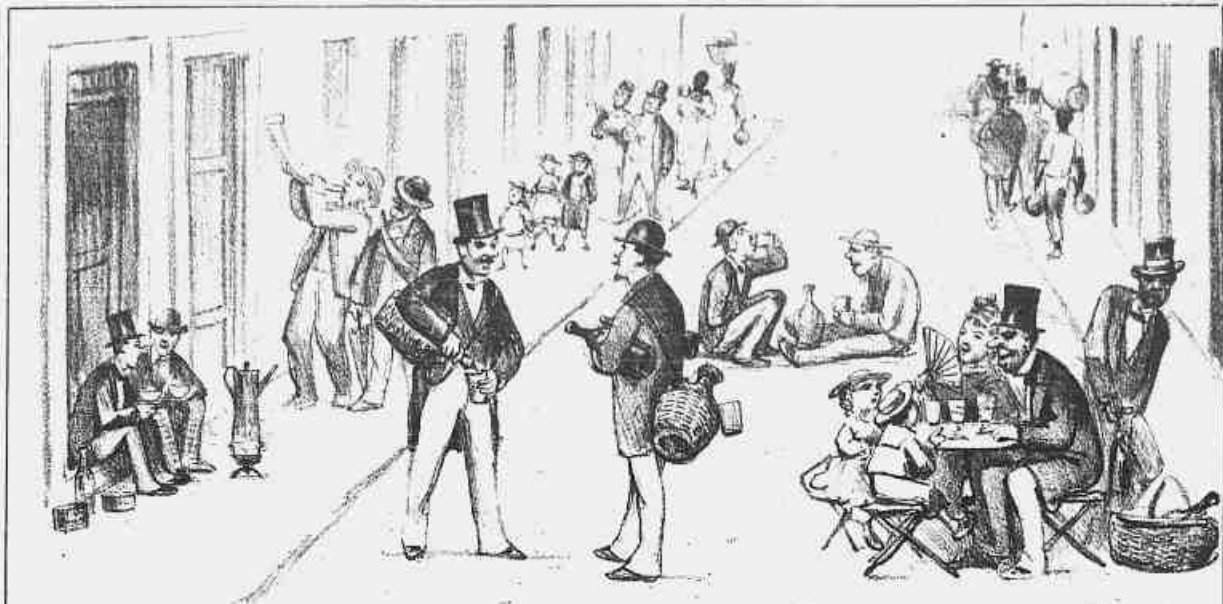
— Morreu minha mulher. . .

— Ora! não é nada! Dá-lhe saisu-caroba e manacá.

— Mas já está enterrada.

— Mais uma ruzão! ollia, mal não pôde fazer.

JUNIO.



O fechamento dos botequins obrigará os cidadãos casados e solteiros que passearem, a tomar as devidas providencias para não morrerem à sede



O fechamento dos barbeiros, obrigará alguns a estofar-se os queixos o melhor possível.



Varios cidadãos tomaram a resolução de deixar crescer a barba

Antes que essa resolução se torne geral, os figaros da Córte tratarão de fazer uma grande representação à Camara

A qual representação será recebida pelo vereador Soares, que á vista do tempo navalhas de ferro